

A RELAÇÃO DOS IMIGRANTES HAITIANOS EVANGÉLICOS EM SÃO PAULO COM O PENTECOSTALISMO

The relationship of Haitian evangelical immigrants in São Paulo with Pentecostalism

Bernadete Alves de Medeiros Marcelino*

<https://orcid.org/0000-0002-4865-4252>

Grupo de Pesquisa Sobre Protestantismo e Pentecostalismo (GEPP), Brasil
bernadetemarcelino@outlook.com.br

Recibido 15-09-2022

Aceptado 7-4-2023

RESUMO

Em 2010 muitos haitianos chegaram ao Brasil e a religiosidade manifestada por estes foi logo percebida. A maioria deles era evangélico e aos poucos foram formando suas comunidades étnicas evangélicas em diferentes partes do território brasileiro. Entre estas, Batistas, Adventistas, Assembleia de Deus, *Rock Sólid*, entre outras. Em São Paulo foi possível acompanhar algumas dessas comunidades por alguns anos. Tendo em vista esse cenário, o objetivo desse trabalho é compreender a relação de imigrantes haitianos evangélicos em São Paulo com o “pentecostalismo”. Para o nosso estudo adotamos o levantamento bibliográfico e a experiência de campo obtida durante pesquisas

* Doutora em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; membra do Grupo de Pesquisa Sobre Protestantismo e Pentecostalismo (GEPP). Se dedica ao estudo da relação entre religião e migração.

de mestrado e doutorado entre haitianos evangélicos em São Paulo. Como resultado, verificamos que práticas pentecostais são comuns entre diferentes grupos de haitianos evangélicos. Concluímos que a relação entre imigrantes haitianos evangélicos em São Paulo com o pentecostalismo é expressiva, mesmo entre aqueles que não se reconhecem como sendo pentecostais.

PALAVRAS-CHAVE: Migração. Pentecostalismo. Imigrantes haitianos.

THE RELATIONSHIP OF EVANGELICAL HAITIAN IMMIGRANTS IN SÃO PAULO WITH PENTECOSTALISM

ABSTRACT

In 2010, many Haitians arrived in Brazil and the religiosity manifested by them was soon noticed. Many of them were evangelicals and little by little they were forming their Evangelical ethnic communities in different parts of the Brazilian territory. Among these, Baptists, Adventists, Assembly of God, Rock Solid, among others. In São Paulo it was possible to follow some of these communities for a few years. Given this scenario, the objective of this work is to understand the relationship of Evangelical Haitian immigrants in São Paulo with "Pentecostalism". For our study, we adopted the bibliographic survey and the field experience obtained during the master's and doctoral research among Evangelical Haitians in São Paulo. As a result, we find that Pentecostal practices are common among different groups of Evangelical Haitians. We conclude that the relationship of Evangelical Haitian immigrants in São Paulo with Pentecostalism is expressive, even among those who do not recognize themselves as Pentecostals.

KEY WORDS: Migration. Pentecostalism. Haitian immigrants.

INTRODUÇÃO

Para aqueles que já estudam o pentecostalismo, pode parecer óbvio, de certa forma, que é predominante a presença do pentecostalismo entre os haitianos evangélicos. No início das pesquisas com grupos de haitianos evangélicos, as orientações eram sempre em direção a busca de grupos pentecostais. No entanto, frente a curiosidade de compreender primeiramente um grupo de haitianos adventistas do sétimo dia em São Paulo, iniciou-se uma gama de descobertas que depois viriam a ser aprofundadas em pesquisa de doutorado com outros grupos de haitianos evangélicos também. O foco dessas pesquisas não estava nas questões pentecostais, no entanto, elas surgiram como relevantes para reflexões posteriores, uma vez que, frente a escassez de publicações científicas em língua portuguesa acerca dessa relação, têm muito a contribuir com os estudos sobre o assunto.

Entendemos que falar sobre questões relacionadas ao pentecostalismo não é tarefa fácil, ainda mais quando o este envolve a relação com um grupo étnico advindo de um processo de migração internacional contemporâneo. Pois não podemos deixar de levar em consideração a complexidade em torno de ambas as temáticas (pentecostalismo e migração), mas também dos possíveis diálogos entre elas. Nesse contexto heterogêneo e abstruso encontramos algumas comunidades evangélicas de imigrantes haitianos em São Paulo. E é sobre esse contexto que nos debruçaremos para compreender a relação entre imigrantes haitianos em São Paulo e o pentecostalismo.

As comunidades haitianas evangélicas no Brasil surgiram logo após uma migração em massa de haitianos para o país, no ano de 2010. O cenário se insere em um quadro mais abrangente, em um contexto que envolve inúmeras migrações transnacionais, deslocamentos compulsórios e circulação de pessoas entre diferentes territórios (Baeninger, 2016), e que tem como pano de fundo inúmeras problemáticas relacionadas a guerras, fome, desastres naturais etc. Uma cena que se repete insistentemente.

A nível mundial, dados apresentados pelo Site oficial da Organização Internacional para as Migrações (OIM) e Organização Nações Unidas (ONU) destaca que no ano de 2018, com um pouco mais

de sete bilhões de pessoas no mundo, tínhamos cerca de um bilhão delas em contexto migratório, sendo 258 milhões em processos migratórios internacionais e 760 em deslocamentos internos em seus próprios países. Por isso, a migração no século XXI seria uma megatendência.

O número de mulheres que compõe esse cenário chega a 124.8 milhões. A quantidade de crianças equivale a 36.1 milhões. A somatória dos refugiados é de 25.4 milhões. Nesse contexto 150.3 milhões se referem a trabalhadores migrantes e 4.8 milhões, de estudantes internacionais. Assim, é possível observar os altos índices de deslocamentos pelo mundo.

Como as causas das migrações podem estar relacionadas a guerras, perseguições de inúmeras natureza e violência, o fenômeno demanda a necessidade de reflexão cada vez mais aprofundada sobre os desafios que se colocam ao mundo atual (Farah, 2017, p. 19). Essas imigrações são, por vezes, influenciadas por tendências que incluem “mercado de trabalho global, pobreza/perda de meios de subsistência, oportunidade de educação, reagrupamento familiar e segurança” (Reynolds, 2017, p. 461). Mas também circundam relevantes questões de cunho religioso (Marcelino, 2021).

Esse contexto inevitavelmente se reflete nas comunidades de imigrantes que se formam nos países de destino, e que por isso, envolve vulnerabilidades, auxílio, ajuda mútua, redes de suporte e de migração, entre outros. A religião se manifestade muitas formas nesse cenário, seja através de grupos étnicos religiosos que se formam nos países de destino, formando comunidades étnicas religiosas, seja nas crenças que acompanham o próprio migrante, nas perseguições relacionadas a religião, no suporte que ela pode oferecer, entre outros. É, portanto, nesse cenário complexo e abrangente, que está inserido boa parte dos haitianos que chegaram ao Brasil nos últimos anos, e que são, em sua maioria, evangélicos (Marcelino, 2021).

Quando os haitianos começaram a chegar no Brasil, a religiosidade manifesta por eles foi logo percebida. Como muitos deles eram evangélicos, aos poucos foram formando suas comunidades étnicas evangélicas no Brasil. A aproximação desses haitianos

evangélicos com o pentecostalismo passou a chamar a nossa atenção quando foi possível perceber que mesmo aqueles que não pertenciam a uma denominação pentecostal, apresentavam elementos relacionados a este em suas celebrações. Em decorrência desse contexto nos indagamos sobre as possíveis relações entre imigrantes haitianos evangélicos em São Paulo e o pentecostalismo. O nosso objetivo era compreender essas relações. Nesse sentido, o método de pesquisa utilizado se desdobrou em torno de levantamento bibliográfico e algumas análises relacionadas a experiência de campo que tínhamos obtido entre os anos de 2015 e 2020, no mestrado e no doutorado.

Para adentrarmos ao assunto, iniciamos abordando sobre o pentecostalismo e alguns de seus desdobramentos, desde o seu nascimento até a sua chegada ao Haiti, de onde derivam os imigrantes abordados em nosso trabalho. A relevância dessa parte do texto se dá pelo fato de buscar compreender, ainda que de forma sucinta, o que vem a ser o pentecostalismo, e como ele surgiu no Haiti, tornando-se presente no contexto dos imigrantes haitianos que vieram para o Brasil a partir de 2010. No segundo momento decidimos discorrer sobre como se deu a imigração haitiana para o Brasil e a relação observada entre os haitianos e o pentecostalismo em São Paulo. A ideia foi posicionar o leitor acerca do contexto que circunda a presença de haitianos no Brasil/ São Paulo, mas sobretudo, na dinâmica que envolve a presença de elementos pentecostais entre esses grupos.

Entendemos que a relevância desse trabalho se dá pelo fato de poder contribuir com os estudos sobre o pentecostalismo na atualidade, a partir de uma temática que envolve uma imigração contemporânea, e que apesar de bastante estudada no âmbito acadêmico, no que se refere ao campo religioso ainda precisa ser mais aprofundada. O que nos motivou a pensar na pesquisa em pauta como relevante para a sociedade e para a academia, principalmente nas áreas de estudos do campo pentecostale da migração.

O PENTECOSTALISMO E OS SEUS DESDOBRAMENTOS: DO SURGIMENTO AO HAITI

Para adentrarmos ao assunto abordaremos sobre o pentecostalismo e alguns de seus desdobramentos, com a pretensão de entender o que este vem a ser e o que ele representa. Buscaremos acomodar essa compreensão em um diálogo com o contexto histórico protestante no Haiti, palco de onde deriva o nosso próprio objeto de pesquisa. Entendemos que essa exposição poderá dar suporte para uma melhor compreensão das matizes de fundo que envolvem imigrantes haitianos evangélicos no Brasil, mais especificamente, São Paulo.

O pentecostalismo foi um dos acontecimentos mais expressivos dentro do contexto cristão do século XX (Passos, 2018, p. 19; Correa, 2018, p. 41), e ainda hoje, um dos movimentos que mais crescem dentro do Cristianismo (Anderson, 2014). Podemos considerar que uma de suas principais características reside na postura evangelizadora (Alvarez, 1996, p. 32), mas também na sua plasticidade, elasticidade e adaptabilidade às diferentes realidades sociais e culturais (Rivera, 2016, pp. 54 - 55).

Em decorrência dessa elasticidade do pentecostalismo, este deve ser compreendido como um termo amplo, pois contempla diferentes posicionamentos teológicos e variados modelos organizacionais (Correa, 2018, p. 41). Não se trata de um “grupo homogêneo”, mas de diferentes grupos, diversificados e complexos (Farjado, 2016, p. 21).

O pentecostalismo teria surgido a partir de um avivamento na Rua Azusa, em Los Angeles no ano de 1906. William J. Seymour, um homem negro e cego de um olho, teria sido o líder de intensas reuniões diárias de cultos, com durações de doze horas cada uma delas, onde havia a manifestação da glossolália (línguas “diferentes”). Frente esse fenômeno, visitantes de diferentes regiões queriam ver o que estava acontecendo naquele lugar. Muitos desejavam também a glossolália, o qual entendiam ser um fenômeno reconhecido como “Batismo no Espírito Santo”. Essas reuniões aconteceram durante mais de três anos, e

delas participavam pessoas de diferentes parte da América do Norte e também do México e exterior (Anderson, 2014).

De forma mais aprofundada, Correa (2018) explicita que Seymour foi aluno de Charles Fox Parham, conhecido também como fundador do que vir a ser conhecido como movimento pentecostal, e uma vez expulso da igreja dos Nazaremos, resolveu levar a mensagem pentecostal na Azusa Street. Tendo como base envolver seus ouvintes de forma emocional a partir de leituras bíblicas seguia respaldando-se em experiências relacionadas aos dons que considerava ser espirituais (Correa, 2018, p. 43).

Alguns missionários teriam sido enviados para diferentes países a partir da rua Azusa e muitas denominações teriam surgido a partir dela. Muitos se deslocavam da Europa em busca desse “batismo” também. Frente o numero de pessoas que a partir da rua Azusa saíram a proclamar esse acontecimento, este chegou rapidamente em países como China, Egito, Japão, Índia e outros. Em apenas dois anos após o evento na rua Azusa, pelo menos vinte cinco nações diferentes já contavam com a presença do pentecostalismo (Anderson, 2014).

Entretanto, sem desmerecer a importância que o fenômeno da rua Azusa teria para a expansão do pentecostalismo em diferentes lugares do mundo, e da certeza de sua proeminência para esse acontecimento, Anderson (2014) destaca que outros movimentos pentecostais não relacionados estritamente a rua Azusa teriam experimentado também o “batismo no Espírito Santo” proclamando esse fenômeno em outros países. O que significa, segundo o autor, que existe um “mito” de que o pentecostalismo no mundo teria sido derivado apenas da Rua Azusa. Entre as denominações cristãs pentecostais que segundo Anderson (2014) foram contemporâneas de Seymour e não teriam relação com a Rua Azusa estão: A igreja Tabernáculo de Robert Brown que ficava em Nova York; e as Igrejas de James Hebdon e de William Piper que ficavam em Toronto (Anderson, 2014).

Sepúlveda (1996) reforça a ideia de que outros focos do pentecostalismo teriam surgido para além da rua Azusa, e inclusive, fora dos Estados Unidos. O autor expõe:

Geralmente, se defende que o movimento pentecostal, como tal teve seu início nos Estados Unidos e de lá se expandiu pela Europa e o terceiro mundo. Entretanto, embora nos Estados Unidos tenha surgido um dos focos principais do movimento pentecostal, também existiram focos em outras partes do mundo (Sepúlveda, 1996, p. 63).

Por outro lado, como a Rua Azusa foi extremamente relevante para a divulgação e propagação do pentecostalismo no mundo, outras questões relevantes apontadas por Anderson (2014) merecem destaque. O autor explicita como a forte relação das manifestações pentecostais da Rua Azusa advindas do próprio cristianismo afro-americano e das expressões religiosas de práticas presentes entre os escravos são relevantes para compreensão do pentecostalismo hoje. Nesse sentido, é preciso observar que tais expressões eram um reflexo da “espiritualidade” e da própria cultura africana.

A rua Azusa era palco de um fenômeno ocorrido em uma igreja negra e de cultura afro-americana e, por isso, o pentecostalismo advindo desse contexto trazia consigo não apenas a glossolália, mas a expressão pelo corpo, a manifestação da cura, as palmas ritmadas e a participação dos ouvintes na mensagem proclamada durante o sermão, nos quais a congregação participava ativamente a partir dos solenescoros da plateia em interação com o preletor da palavra. Além disso o batismo nas águas por imersão, prática comum entre eles, era uma de suas marcas fundamentais.

Contudo parte dos trabalhos sobre o pentecostalismo, ignorou a influência negra na cultura, cultos e teologias pentecostais, além do abafamento do importante papel que a mulher exerce nesses grupos, influência também de suas características de cunho afro. Para ilustrar a relevância do papel da mulher nesses movimentos, Anderson (2014) expõe como desde o início mulheres eram atuantes no movimento, ao destacar uma líder e missionária pentecostal afro-americana da rua Azusa, chamada Lucy Farrow. Mulher negra e pentecostal que teria sido a primeira a alcançar o continente africano.

Os pentecostais da Rua Azusa tinham uma certeza, a de que a experiência que eles vivenciaram do “batismo no Espírito Santo” se espalharia pelo mundo e eles deveriam ser os responsáveis pela propagação desse acontecimento. Pouco mais de um século depois do

“pentecostes” (o “batismo no espírito Santo”) na rua Azusa, o pentecostalismo se tornou um dos mais significativos movimentos dentro do cristianismo global, com mais de meio milhão de adeptos em todo o mundo (Anderson, 2014).

De acordo com Gutiérrez (1996), estudiosos acreditam que só na América Latina, os pentecostais representam pelo menos 70% ou até 80% daqueles que se declaram evangélicos. As explicações desse crescimento estaria relacionada a algumas questões primordiais. Entre estas:

- Social: O pentecostalismo teria colaborado para que os valores relacionados a vida comunitária presente no contexto rural fosse restaurado, mediante crises no âmbito político e econômico que geravam a migração massificada de camponeses para os centros urbanos. Assim, este oferecia aos seus adeptos, através de suas comunidades, a força capacitadora para o enfrentamento das dificuldades presentes do novo contexto social urbano e moderno em que estavam inseridos (Gutiérrez, 1996, p. 14).
- Psicológico: As comunidades pentecostais ofereciam aos seus adeptos a oportunidade de atuarem como sujeitos participativos dos rituais e cultos religiosos, a partir do exercício em diferentes ministérios da igreja. Estas acolhiam os seus adeptos de maneira que estes passavam a se sentir valorizados e participativos no discurso e nas experiências religiosas (Gutiérrez, 1996, p. 15).
- Pastoral: A preocupação da igreja pentecostal mantinha o foco na satisfação das necessidades do povo. A mediação entre Deus e o adepto se dava unicamente pela experiência com o Espírito Santo, sem a necessidade de passar pela mediação de um líder religioso, pastor, sacerdote. Assim a significação para a vida a partir da experiência de encontro intenso com Deus, envolvia a própria subjetividade do adepto, a vivência pessoal e compartilhada com a comunidade e a pregação na própria linguagem utilizada pelo povo. Linguagem simples e clara, do próprio povo,

pobre, mas agora pentecostal, para outros pobres (Gutiérrez, 1996, pp. 15-16).

Podemos considerar que ao levar consigo princípios primordiais e que alcançam a questão social, psicológica e pastoral (Gutiérrez, 1996), o pentecostalismo se caracteriza a partir de uma dinâmica que podemos considerar como própria do movimento, mesmo distinguindo-se entre si no que diz respeito a concepções teológicas (Álvarez, 1996, p. 30). O autor acrescenta:

Para entender o que se denomina movimento pentecostal do século XX, é necessário tornar algo claro o seguinte: é um movimento missionário de caráter mundial, possui uma dinâmica própria, porém herdou muitos traços teológicos distintos dos movimentos de santidade da Inglaterra e dos Estados Unidos, particularmente do metodismo. É, hoje, um movimento que cresce e se expande rapidamente, com diversidade de manifestações. Em cada continente possui suas formas eclesásticas e doutrinárias próprias e peculiares, com uma ênfase comum na experiência e vida no Espírito Santo. Além disso, a grande maioria das igrejas pentecostais surgiu das igrejas históricas herdeiras da reforma protestante do século XVI. Nesse sentido, as igrejas pentecostais são filhas e netas das igrejas da Reforma. [...] Esse movimento foi se expandindo por todo o mundo. Aconteceram peregrinações de crentes até a Azusa, vindos de igrejas protestantes da Europa e do Canadá, que voltavam batizados e comprometidos com a expansão do evangelho através da experiência no Espírito. (Álvarez, 1996, pp. 29 e 30).

Tendo, portanto, recebido o “batismo no Espírito Santo”, muitos saíram a proclamar o pentecostalismo por diferentes partes do mundo, chegando ao Haiti em 1933. (Álvarez, 1996, p. 39).

Para falarmos sobre o pentecostalismo no Haiti, julgamos necessário citarmos a própria presença do protestantismo. Mézié (2016, pp. 290 e 291), destaca que não existem pesquisas aprofundadas sobre a chegada do protestantismo no Haiti, mas alguns registros nos dão permissão para compreensão de parte do cenário formado a partir da religião protestante no país. No entanto, para retratar esse cenário, torna-se inevitável citar as matizes de fundo históricos que circundaram e circundam a religião no país, e nesse sentido, o catolicismo e o vodú (prática religiosa muito presente no contexto

cultural haitiano). O catolicismo foi adotado como religião oficial do Haiti logo após a sua independência, em 1804, e apesar do vodu ser a religião mais praticada pelo povo, foi negligenciado, colocado a margem, de forma clandestina. Houve uma forte estigmatização do vodu por parte da Igreja, enquanto instituição, que durou muitos e muitos anos, entretanto, a partir de 1960 a postura da Igreja passou a ser mais apaziguadora com o vodu no Haiti.

Tenório (1987) observa que a Igreja procurou extirpar o vodu, adotando forte violência contra o povo. Havia uma tentativa de imposição da religião católica em detrimento ao vodu. Nas palavras do próprio autor, esse fato teria ocorrido da seguinte maneira:

[A] Igreja cometeu violência inominável contra o povo haitiano ao tentar extirpar as suas crenças e impor aos dominados a religião dos dominantes. Com isso, desintegrou a coesão do povo, destruiu-se seus valores, desprezou sua cultura a tal ponto que, num determinado momento da história, os negros não eram mais negros, mas também não eram brancos. Dentro desse quadro, é compreensível que a esquizofrenia, a última das rupturas, seja uma das mais constantes doenças mentais do país. Compreensível, sim, mas não justificável, [...] a história do catolicismo no Haiti é uma história de traição. (Tenório, 1987, p. 9).

Hurbon (1987, p. 39), alega que havia um imaginário comum, advindo principalmente da elite haitiana de que o vodu, cedo ou tarde, desapareceria, fosse através da conversão a Igreja católica ou mesmo em decorrência do processo industrializador que ocorreria no país. Cabe ressaltar que a elite haitiana manteve a ideia de que o vodunão deveria ter direito a existência e nem ser tolerado (Hurbon, 1987, p. 39).

[O] catolicismo, durante o século XIX e até a primeira metade do século XX, desempenhou, sem dúvida, a função de “máscara branca” para as elites haitianas, retomando a expressão de Frantz Fanon (2015 [1952]). Diante do desprezo e da desconsideração das nações ocidentais pelo Haiti, seus governantes fizeram o possível para passar a imagem de um país destituído de “vícios” africanos. Eles agiram em conjunto com agentes católicos locais e lhes atribuíram a tarefa de extirpar as “superstições” dos camponeses, garantindo uma sã e santa imagem do país para o exterior. Um artigo do Código Penal de 1835, que permaneceu em vigor até 1986, pune com pena de prisão os adeptos do vodu que fossem surpreendidos em suas práticas religiosas.

Isso não significa que as relações entre o Estado haitiano e a Igreja Católica tenham sido sempre tranquilas, muito pelo contrário. A Constituição de maio de 1805, promulgada por Jean-Jacques Dessalines, que foi coroado ao som de um *Te Deum*, afirma a separação entre Estado e Igreja, faz do casamento um assunto civil e legaliza o divórcio. Os diversos chefes de Estado que sucederam Dessalines adotaram uma postura bastante cética em relação ao clero local, constituído, como vimos, de poucos homens, geralmente estrangeiros (franceses, em sua maioria) e de moral duvidosa. Esses padres concentraram-se nas cidades, deixando abandonado o interior do país e suas colinas (*mornes*). Os governantes haitianos, no entanto, tentaram manter um certo controle sobre as práticas religiosas populares, temendo uma infiltração francesa que poderia ameaçar a independência do país. (Mézié, 2016, p. 294).

Contudo, uma vez que o povo era obrigado a aderir ao catolicismo, o vodu passa a se manifestar juntamente com este nas camadas populares. A população continua a experimentar o vodu, mas agora, em sincretismo com o catolicismo. Objetos de culto católico passam a ser adotados no culto vodu (Hurbon, 1987). “Praticamente todos os adeptos do vodu declaram-se católicos, e muitos deles frequentam a missa aos domingos, mas nem todos os católicos declaram-se adeptos do vodu” (Mézié, 2016, p. 296). Hurbon (1987) descreve com precisão o sincretismo entre o vodu e o catolicismo, da seguinte maneira:

[Ao] lado de vasos onde estão os *loas* ou espíritos dos mortos, lamparinas, velas, terços. Ao lado de cada emblema do *loa*, uma imagem ou estátua do santo católico correspondente. [...] O calendário do vodu estabelece uma correspondência entre suas grandes festas e as festas católicas. [...] Durante a Quaresma: todos os objetos usados no culto do vodu são cobertos por um lençol, como as imagens nos templos católicos. [...] O batismo católico é uma condição para se pertencer integralmente ao vodu. [...] As listas dos mortos. São indispensáveis aos olhos dos praticantes do vodu [...] É difícil saber se um praticante do vodu, em oração diante de uma estátua de Nossa Senhora, numa igreja, dirige-se mesmo a nossa Senhora ou ao *loa* que aquela estátua evoca. [...] As peregrinações às capelas ou igrejas dedicadas a Nossa Senhora são as que mais atraem os fieis. (Hurbon, 1987, pp. 90-91).

Assim, quando a Igreja católica passou a adotar uma postura mais apaziguadora com os adeptos do vodu, as igrejas protestantes começaram a se fortalecer (Mézié, 2016). Torna-se relevante

destacar que as igrejas protestantes chegaram no Haiti juntamente com a ocupação dos Estados Unidos em 1915 (Marcelino, 2019, p. 13). Segundo Mézié(2016, p. 303) apesar da chegada e expansão do protestantismo no Haiti estarem vinculados a ocupação dos Estados Unidos, é necessário destacar outros eventos marcantes relacionados a esse contexto. A pregação protestante no Haiti se deu de forma contundente a partir de pastores afro-americanos, e outros de origem jamaicana e cubana. Dessa forma, os protestantes começaram a ganhar popularidade e espaço contundente no Haiti a partir de 1960, pregando afastamento as práticas do vodu, e contestando o modelo de catolicismo no país. Ao mesmo tempo, muitos haitianos que haviam imigrado para Cuba, entravam em contato com o protestantismo nesses países também. Com o crescimento do protestantismo veio também a explosão do pentecostalismo, mas este só ocorreu a partir dos anos de 1980.

Assim a religião no Haiti será destacadamente composta principalmente por três correntes religiosas relevantes: o vodu, o catolicismo e o protestantismo (Mézié, 2016, p. 290), no qual está também o pentecostalismo, alcançando um forte crescimento principalmente entre 1980-1990. Em decorrência desse cenário, muitos haitianos que vieram para o Brasil após 2010, já tinham uma forte relação com o pentecostalismo, ainda que muitos deles não se reconhecessem como tal.

IMIGRANTES HAITIANOSNO BRASIL – SÃO PAULO E A RELAÇÃO COM O PENTECOSTALISMO

O mundo tem se deparado com um contexto que envolve inúmeras migrações de pessoas em massa, originárias de diferentes países e deslocadas em situações diversas. Um quadro multifacetado, marcado por milhares de indivíduos em situação de vulnerabilidade, perdas e tentativas de uma vida melhor, ainda que nem sempre alcançada. Esse fenômeno complexo e que parece inevitável, também alcançou o Brasil nos últimos anos, e tem apresentado desafios para a sociedade local, no que tange a necessidade de compreensão melhor desse cenário e na busca por meios e formas de lidar com o

acolhimento e a integração de seus novos contingentes imigratórios. Cenário onde se insere o migrante haitiano no Brasil (Marcelino, 2021).

De acordo com o Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH, 2014), migração se refere ao deslocamento de indivíduos ou grupos de pessoas, de uma determinada região para outra. Ou seja, migrar pode ser compreendido como uma mudança de lugar, de território, diferente daquele antes habitado. Em geral, as pessoas que migram dentro do seu próprio país são chamadas de migrantes, aquelas que o deixam, emigrantes, e os que entram em outro país, imigrantes. Em outras palavras, migrante é aquele que migra dentro do seu país de origem, emigrante é aquele que sai, e imigrante é aquele que entra.

Nesse cenário temos também o refugiado. É a “Lei nº 9.474, que contempla os refugiados e lhes garante o direito de viver com dignidade em nosso país, amenizando-lhes a dor de terem sido desenraizados de sua pátria para fugir da perseguição e da morte” (Arns, 2010, p. 69). Ao citar diferenças entre refugiados e imigrantes, Farah (2017) aponta que o imigrante enfrenta problemáticas no processo de partida, os quais envolvem a travessia, a chegada e o acolhimento no país destinado. No entanto, antes de migrar, este passa por uma reflexão prévia, que engloba planejamento migratório. Nesse projeto estipulado, estão as questões relacionadas ao poder de decidir migrar ou não, e as possibilidades financeiras e pessoais nesse processo.

“É justamente o poder de decisão, a reflexão e o planejamento prévios que diferenciam o imigrante do refugiado”, de acordo com Farah (2017, p. 19). Assim:

os refugiados são, em linhas gerais, a “consequência humana” de graves crises que geram violações de direitos humanos. Nesse cenário, a urgência da situação não permite que o refugiado planeje ou reflita sobre a sua partida, a decisão é tomada como consequência de um fenômeno extremo e se reveste como fuga. (Farah, 2017, p. 19).

Refugiados, portanto, são pessoas que por motivo de força maior tiveram que deixar o seu lugar de origem para buscar refúgio em outro território, sem a oportunidade de planejar a viagem. Sendo assim, em outras palavras, para entender se a migração pode ser qualificada como forçada ou involuntária, se as pessoas envolvidas

podem ser chamadas de imigrantes ou refugiados, temos como ponto de partida a não escolha pessoal pelo processo migratório, e que, em muitos casos, acaba se impondo como uma via única para manutenção da própria vida (Reynolds, 2017, p. 461).

No Brasil, a legislação reconhece como refugiado aquele que teve os seus direitos humanos violados gravemente, e por isso foi levado a ter que abandonar o seu país de origem, de acordo com o Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH, 2014). Como “[o] termo ‘refugiado’ nesse contexto é limitado, uma vez que se refere apenas àqueles que não podem retornar ao seu país ou não querem, por perseguições relacionadas a religião, raça, nacionalidade, opinião política ou pertença a grupo social” (Marcelino, 2019, p. 47), frente a imigração de haitianos para o Brasil, foi preciso refletir sobre as migrações forçadas por crises ambientais. Estas, que por sua vez, também são causadoras de alguns dos processos de migrações internacionais. “[Ora] por causa da própria conduta do ser humano, ora proveniente exclusivamente da natureza, a ponto de alguns locais se tornarem inabitáveis pela espécie humana” (Marino, Rampazo, 2016, p. 246).

Todavia, como o termo “refugiados” não engloba “aqueles que saem de seu país por questões relacionadas exclusivamente ao meio ambiente” (Marino, Rampazo, 2016, p. 237 – 238), não havia motivos para enquadrar os haitianos nesse critério. Além disso, os motivos apresentados para a entrada dos haitianos no Brasil não estavam relacionados apenas a desastres naturais, mas também as questões sociais e econômicas. Por isso, não estavam dentro dos requisitos necessários e exigidos pelo direito internacional de refúgio. Frente essa problemática, o CONARE, solicitou ao CNIg – Conselho de migração, uma solução na tentativa de amenizar a situação daqueles haitianos que após o terremoto de 2010 no Haiti estavam chegando ao Brasil e solicitando refúgio. Assim, surgiu o visto humanitário. Dado todas as questões que circundam esse processo migratório, decidimos chamar os haitianos no Brasil de imigrantes.

Quando os imigrantes haitianos chegaram ao Brasil, se depararam com muitas problemáticas. Não havia políticas públicas migratórias para o acolhimento do contingente de imigrantes que

adentravam ao país, e dessa forma foram acolhidos, em sua maioria, por grupos e instituições de origem religiosa. Principalmente através da Igreja Católica. Entre tantas questões e problemáticas que envolviam esse processo migratório, algo chamava a atenção dos pesquisadores, em pouco tempo, algumas comunidades haitianas evangélicas foram surgindo, espalhadas pelo Brasil, pois a maioria deles se declaravam evangélicos e formavam em território brasileiro as suas comunidades evangélicas (Marcelino, 2021).

Esse cenário nos chamou a atenção e em decorrência da maioria desses imigrantes no Brasil se declarem evangélicos, fomos Ao buscar conhecer melhor o quadro religioso no Haiti. Verificamos de acordo com *U.S. Department of State: Diplomacy in action*, no ano de 2016 o Haiti tinha 55% da população adepta ao catolicismo, seguida por 28% de protestantes, 10% sem religião, 5% de outras religiões e 2% adeptos ao vodú. Os “protestantes (evangélicos), [eram] formados por pouco mais de 15% de batistas, quase 4% de adventistas e em torno de 7,9% de pentecostais” (Marcelino, 2021, p. 65).

Na aproximação com esses imigrantes em São Paulo, foi possível perceber, como destaca Costa (2016, p. 61), que “[em] tudo Deus está presente. Deus é que sabe, Deus é que pode, Deus é que conduz a vida. Deus vai encontrar uma saída para a vida”. Além disso, “[é] muito comum ver os haitianos lendo a Bíblia em qualquer hora do dia”. Essa aparente aproximação com o divino está presente nos discursos comuns dos haitianos, sejam estes, católicos, protestantes ou não.

A partir de uma gama de pesquisas realizadas por diferentes pesquisadores de distintas áreas do conhecimento em variadas partes do Brasil, foi possível constatar essa presença massiva de haitianos evangélicos no país. Em Manaus, logo que chegaram os primeiros haitianos, verificou-se que a maioria deles era de origem religiosa evangélica (Costa, 2016, pp. 61-62). Em São Paulo, os dados apresentados pela Casa do Migrante entre os anos de 2010 – 2015 cadastrou 6.560 haitianos e entre estes, pelo menos 4001 se declararam ser evangélicos.

Ao realizar uma pesquisa com haitianos em vários Estados brasileiros Silva (2016, p. 215) realizou um questionário com 279

haitianos e entre estes 157 se declararam evangélicos. Em Rondônia, o levantamento de Pereira (2016, p. 169) destacou que entre os haitianos presentes no Estado naquela ocasião, 90% eram evangélicos. Em Santo André, município de São Paulo, Borba e Moreira (2016, p. 459) destacam que entre os haitianos presentes no lugar, 70% eram evangélicos.

Esses dados nos revelam em que medida os haitianos evangélicos passaram a compor o cenário religioso brasileiro, mas, sobretudo, refletir sobre a atuação desses grupos nos processos migratórios em que estavam inseridos. O que nos possibilitou o acompanhamento sistemático de algumas dessas comunidades e a percepção da relação que muitas mantinham com práticas religiosas pentecostais. Contudo, entendemos que em decorrência da grande diversidade doutrinária e organizacional que envolvemos evangélicos, não podemos generalizar as manifestações religiosas entre os grupos de haitianos evangélicos que vivem no Brasil. Cada grupo, comunidade, igreja, tem a sua própria forma de organização, dogmas e normas. Por outro lado, partindo dos critérios apresentados como elementos pentecostais, seria possível fazer algumas comparações com os grupos de haitianos evangélicos acompanhados em pesquisa etnográfica, e chegar a algumas conclusões. Mas antes de debater sobre o assunto, algumas questões precisam ser pontuadas.

Quando nos referimos aos evangélicos pensamos em grupos de cristãos, dentro do qual estão também os pentecostais em suas inúmeras vertentes. Por vezes nos deparamos com a tentação de perguntarmos se esses haitianos eram de fato evangélicos ou apenas se declaravam com tais? Mas chegamos ao entendimento que para a nossa análise bastava a declaração de opção religiosa proferida por eles mesmos. É preciso observarmos também, que a adesão ao protestantismo hoje, nem sempre significa alguma diferença externa ou observável em relação a forma de viver a cultura e a sociedade, a exemplo das proposições apresentadas por Alencar (2018), ao tratar da relação entre a cultura brasileira e o protestantismo no país. O autor explicita:

Aderir ao protestantismo - ou converter-se, se assim quiserem - não significa mais ruptura cultural. não é necessário trocar as vestimentas,

decoreção da casa, linguagem, time, academia, ou deixaram antigas amizades. Não há mais ruptura de relações de compadrio [...]. pode se converter e continuar a usar o mesmo vestido, batom, jogar e torcer e xingar pelo mesmo time, posar para a revista playboy, cantar as mesmas músicas, frequentar os mesmos shows, apresentar o mesmo programa pornô light, vender produtos eróticos [...]. (Alencar, 2018, p. 144).

As proposições percorridas por Alencar (2018) nos interessam, ao tratarmos sobre os haitianos evangélicos, pois a nível de comparação, apesar de serem advindos de uma cultura diferente, não identificamos muita distinção entre haitianos não evangélicos e aqueles que se declaravam como tal, com exceção a dois detalhes primordiais. A relação com a comunidade religiosa e o discurso de rejeição ao vodu (Marcelino, 2019). No demais, em relação a estereótipos que poderíamos observar, percebemos que as vestimentas de culto envolviam, saias para as mulheres e por vezes um véu no cabelo (apenas algumas usavam o véu), e no caso dos homens, vestimentas sociais. Entretanto, durante a semana, nos encontros com esses imigrantes, as mulheres usavam roupas comuns, como calça, perucas, joias e maquiagem. Os homens também se vestiam de jeans e camiseta, e nesse sentido não se diferenciavam daqueles outros haitianos não evangélicos. Pareciam comer as mesmas coisas, também costumavam beber um *drink* a base de álcool, típico do país. Em pesquisa etnográfica chegamos a ser presenteados com essa bebida.

Portanto, em se tratando de verificar se estes eram ou não, de fato, evangélicos, através de estereótipos externos, poderia fugir do nosso alcance, sobrando-nos a alternativa de defender essa ideia a partir da própria declaração de pertença religiosa feita por eles e do convívio com as suas comunidades evangélicas. A questão de se reconhecerem ou não como pentecostais, estava relacionada a pertença denominacional, o que não é diferente no Brasil. Contudo, com exceção da comunidade haitiana adventista do sétimo dia, que guardava algumas peculiaridades, todas as demais com as quais eu tive contato, de origem pentecostal ou não, traziam consigo elementos pentecostais.

Citamos pelo menos três comunidades haitianas com as quais mantivemos contato: Assembleia de Deus, *Rock Solid* e Batista. Mas dada a natureza histórica da igreja Batista, a utilizaremos como

respaldo para a nossa análise. Mesmo porque, em conversa com haitianos, estes expunham que os cultos da igreja Batista no Brasil eram totalmente diferentes daqueles que aconteciam na igreja em pauta no Haiti, e por isso, alguns deles não tinham se adaptado a igreja Batista brasileira. No entanto, não podemos deixar de considerar que os haitianos no Brasil, em sua maioria, não se inserem nas igrejas evangélicas brasileiras, mas formam as suas próprias comunidades evangélicas (Costa, 2016). Outro ponto que deve ser destacado, diz respeito a quantidade de adeptos da igreja Batista no Haiti, que corresponde a maior parcela de evangélicos no país. Entre os 28% dos evangélicos no Haiti, 15% são batistas (Marcelino, 2022). Todas essas questões nos fizeram voltar-se para a Comunidade Batista Haitiana na análise em pauta.

Para essa comparação analítica citamos as colocações apresentadas por Álvarez (1996), ao destacar alguns elementos pentecostais que os distinguem de outros movimentos protestantes. O primeiro deles tem relação com a experiência de culto. O culto pentecostal tem como central a alegria, e esta se manifesta através de palmas, “danças no espírito” em um clima de festa. A segunda questão relevante diz respeito ao testemunho. O culto pentecostal dá importância para momentos em que fieis partilham com os demais as experiências difíceis e a gratidão a Deus por terem alcançado alguma dádiva. O terceiro ponto a ser apresentado está relacionado a postura missionário. Com uma fundamental relevância a tarefa de levar a mensagem pentecostal a outras pessoas, as igrejas pentecostais proclamam com convicção a nova forma de viver o mover do Espírito. A quarta e última, seria escatológico, que apresenta, para além do gozo no Espírito desfrutado aqui, a expectativa de um gozo ainda maior e que se dará em uma outra dimensão, no futuro (Álvarez, 1996, p. 43 – 45). Assim, pobres, mesmo em meio a desgraça, desfrutam dessa alegria, testemunham sobre dádivas supostamente recebidas, proclamam sua fé a outras pessoas e aguardam uma vida vindoura.

Uma outra questão que julgamos relevante e que pode compor também uma das características presentes no pentecostalismo, tem relação com a questão comunitária, que envolve a aproximação e apoio familiar. De acordo com Mariz (1996), as igrejas pentecostais lutam no

combate a pobreza. Todos os quesitos acima apresentados são extremamente relevantes para a nossa análise, uma vez que nos possibilitam comparar a existência ou não de tais características nos grupos de haitianos evangélicos acompanhados durante a pesquisa de campo.

Ressaltamos que durante pesquisas de mestrado e doutorado, foi possível acompanhar diferentes grupos de haitianos evangélicos. Explicitamos que durante o mestrado voltamos para um grupo de haitianos adventista os sétimo dia no centro da capital paulistana, e no doutorado, para uma comunidade haitiana Batista, entretanto, tivemos contato com outras comunidades evangélicas haitianas também.

Voltamos a destacar que, acompanhar durante alguns anos algumas comunidades evangélicas de haitianos em São Paulo, nos possibilitou perceber algumas características relevantes, e que a luz de análises teórico-metodológicas nos permitiram conhecer melhor alguns desses grupos. Falaremos sobre as principais características de grupos pentecostais haitianos no Brasil a partir da experiência obtida em campo com essas comunidades. Notamos que a maioria dos haitianos que se declaravam evangélicos no Brasil, apenas davam continuidade a religião que vivenciavam em seu país de origem (Marcelino, 2022, pp. 67-68), e com exceção dos adventistas do sétimo dia, todos os demais grupos mantinham em suas práticas religiosas uma proximidade muito grande com elementos pentecostais.

Na Comunidade Batista Haitiana, usada como respaldo para a nossa análise, os cultos reuniam muitos elementos do pentecostalismo. A alegria presente nos cultos pentecostais, apresentado por Álvarez (1996) como um elemento do movimento pentecostal, era primordial nessa comunidade. Em observação participante nos cultos religiosos desse grupo de haitianos, percebemos que a musicalidade e as festividades com palmas e danças estavam presentes como rituais em seus cultos. Instrumentos musicais como tambores e atabaques faziam parte das celebrações. Clamores em alta voz, choros espontâneos e outras manifestações relacionadas a um aparente êxtase religioso eram frequentemente observados. A glossolalia parecia estar presente, entretanto, como o culto era realizado em crioulo haitiano e essa língua

não era de domínio da pesquisadora, não foi possível confirmar tal hipótese.

Um relato de uma haitiana, também explicita a ideia de como deve ser um culto para os haitianos. Essa haitiana expõe: “Não gosto de igreja sem instrumento musical. [...] Eu gosto de igreja alegre.” (Marcelino, 2022, p. 104). O que demonstra a necessidade de participarem de cultos festivos, com instrumentos, palmas, danças e muita alegria.

Outros elementos observados na Comunidade Batista Haitiana:

[a] igreja possuía uma banda musical com guitarrista, contrabaixista, baterista e tecladista. [...] dois instrumentos de percussão, um tambor e um atabaque. [...] Os cultos estavam sempre repletos de participantes, incluindo muitas mulheres e crianças. As celebrações eram sempre festivas, com muitas músicas, palmas e às vezes danças. Ao entoarem seus cânticos, os membros tinham o costume de repetir o mesmo refrão inúmeras vezes. Alguns levantavam as mãos em celebração, outros fechavam os olhos e faziam movimentos espontâneos com o corpo. Algumas vezes, foi possível presenciar emoções intensas, como se estivessem experimentando algum transe religioso. Nesses episódios observávamos reações diferentes daqueles habituais. Choravam, clamavam em voz alta, curvavam-se. Podemos considerar que a liturgia do culto era muito parecida com aquela presente em algumas igrejas pentecostais brasileiras (Marcelino, 2022, p. 106).

No que diz respeito a testemunhos apresentados pelos fiéis nos cultos pentecostais, conforme destaca Álvares (1996), o culto haitiano batista também reservava um momento para isso. Onde alguns fiéis tinham a oportunidade de contar para a plateia, atenta, que recebia tais palavras com um dissonante coletivo “amém”, e outras vezes palmas. Havia grande importância para esses momentos. Por vezes presenciamos esse ocorrido, principalmente quando novos haitianos chegavam de seus processos migratórios, ocasião em que contavam para a comunidade como tinha sido a trajetória migratória e as dádivas alcançadas nesse percurso. A alegria compartilhada enchia a plateia de motivação, e sempre tinham novos testemunhos, semana após semana, culto após culto.

A postura missionário, também apresentada como um elemento relevante no movimento pentecostal estava presente. A igreja era constituída por haitianos evangélicos de diferentes denominações, apesar de manter o nome da Igreja Batista, contudo, a postura missionária frente outros haitianos, não evangélicos, era contundente. Dessa forma, eles se movimentavam para receber e acolher haitianos que não eram evangélicos, levando-os a participarem de suas celebrações. Mas muitos deles buscavam a comunidade apenas por necessitarem de algum auxílio material. Em depoimento de um haitiano encontramos:

a pessoa [haitiano] que chega no Brasil e vem na Igreja Batista haitiana, quando chega, conversa com o pastor, e pastor conversa com todos para ajudar. Sabe por quê? Para nós, haitianos, é uma vergonha ver haitiano morando na rua. Ver um haitiano igual nós ficando na rua, dormindo. Entendeu? Por isso que nós ajudar alguns haitianos. (Marcelino, 2022, p. 170).

Alguns relatos de pregação de haitianos para outros haitianos também pôde ser acolhido. Uma das comunidades haitianas evangélicas com a qual tivemos contato em São Paulo (Rock Solid) teria sido formada, inclusive, a partir do trabalho missionário de uma haitiana. Essa missionária inaugurou a comunidade e migrou para os Estados Unidos, deixando um grupo com mais de 100 adeptos haitianos e um líder para orientá-los, com o qual mantinha constante contato, mesmo morando em outro país. No que se refere as questões escatológicas, estas também estavam presentes, nas mensagens proferidas, tornando-se parte da cosmovisão defendida por esses imigrantes,

Por fim, podemos falar também da questão comunitária, que envolve a aproximação e apoio familiar nos movimentos pentecostais, conforme nos apresenta Mariz (1996). Nesse sentido, esse apoio chegava a extrapolar o âmbito familiar e atingia também diversas necessidades e esferas da vida daqueles adeptos. Marcelino (2022) descreve:

a busca pela comunidade não estava relacionada apenas às questões religiosas (apesar destas terem a sua importância para o grupo), mas pelo amparo. Este, por sua vez, além de envolver as questões culturais,

tornando-se, em partes, um subterfúgio diante dos desafios de estar inserido em uma sociedade com costumes diferentes dos de origem, relacionava-se também às possíveis conquistas envolvidas por parte de seus adeptos a esse contexto. Nesse sentido, destacamos que os benefícios de pertencer a uma comunidade étnica nesse cenário eram muitos, uma vez que, no grupo, os membros encontravam apoio para diferentes necessidades cotidianas e migratórias. Entre estas podemos destacar, além de questões de cunho emocional, inúmeras outras relacionadas a família, trabalho, moradia e saúde. [...]A ajuda mútua entre os adeptos da comunidade proporcionava auxílio para o enfrentamento dos dilemas do dia a dia. (Marcelino, 2022, p. 116).

Nessa fala de Marcelino (2022) percebemos que as questões sociais, psicológicas e pastorais, também elementos pentecostais, descritas por Gutiérrez (1996), e apresentados no início do nosso texto, de certa forma surgem permeando as relações nas comunidades evangélicas haitianas. No quesito social, em meio a vulnerabilidade que a própria imigração traz para esses imigrantes haitianos, a vida comunitária na igreja acaba oferecendo a força capacitadora para enfrentarem as adversidades do próprio contexto em que estão inseridos, assumindo um modelo pentecostal também no atendimento a essa demanda.

No que tange a questão psicológica, de igual modo, esses imigrantes alcançam em suas comunidades tais modelos “pentecostais” a possibilidade de serem participativos nos rituais e cultos, exercendo ministérios na igreja, o que lhes possibilita a sensação de serem valorizados no discurso e nas experiências religiosas compartilhadas com a comunidade étnica a qual pertencem. No âmbito pastoral, a atenção da liderança às necessidades dos adeptos a comunidade também chama a nossa atenção. Além disso, outras questões relacionadas ao modelo pentecostal também merecem destaque, a vivência pessoal e compartilhada através da pregação na linguagem do povo (crioulo – língua falada pela população haitiana das camadas mais pobres). O que remete a uma pregação de pobre para outros pobres. É necessário dizer que o francês – língua utilizada pela elite haitiana, é a língua usada nas igrejas haitianas mais elitizadas (Marcelino, 2019).

Além de todas essas questões, não podemos deixar de citar o papel da mulher haitiana nessas comunidades pesquisadas. Apesar do

patriarcado ser muito presente nas relações entre homens e mulheres haitianos, é possível perceber a presença atuante dessas mulheres em seus cultos religiosos. É claro, que a questão cultural e que remete as origens africanas desses imigrantes não deve ser desprezada nesse contexto, no entanto, não podemos deixar de citar a atuação dessas mulheres nesses cultos, assim como na maioria dos movimentos pentecostais, e como era comum também quando o pentecostalismo surgiu na rua Azusa, conforme citado por Anderson (2014).

Ao refletirmos nas características pentecostais presente nesses grupos de haitianos evangélicos, se torna possível conferir a aproximação de haitianos evangélicos no Brasil com o pentecostalismo, ainda que algumas dessas denominações evangélicas haitianas não sejam reconhecidas oficialmente como tais. A contundência desses elementos pentecostais nas comunidade de imigrantes haitianos demonstraram relevância do pentecostalismo na expressividade religiosa desses imigrantes, e o seu caráter acolhedor e supridor de necessidades essenciais relacionadas a esses grupos.

CONCLUSÃO

Como foi possível observar no texto apresentado, existe uma forte relação entre os haitianos evangélicos no Brasil com os elementos pentecostais, ainda que parte desses grupos não se reconheçam como tais.

Na primeira parte do texto procuramos posicionar o leitor acerca do pentecostalismo e seus desdobramentos destacando, ainda que de forma sucinta, desde o seu surgimento até chegar no Haiti. Nesse momento foi possível observar o quadro religioso que se formou no Haiti a partir do vodú, do catolicismo e do protestantismo. Essa parte do texto também foi representativa e relevante para a nossa análise posterior, uma vez que nos mostrou quais algumas das características do movimento pentecostal e como este se tornou expressivo também no Haiti a partir da década de 1980.

No segundo momento nos voltamos para a compreensão da presença dos imigrantes haitianos no Brasil e da religiosidade declarada pela maioria desse contingente, que se dizia evangélico. A partir desse

critério desenvolvemos uma análise sobre arelação entre os elementos dopentecostalismo e sua relação com os grupos de haitianos evangélicos acompanhados durante pesquisa etnográfica. Entre esses elementos foram destacados a linguagem do povo para o povo, no caso das comunidades haitianas o próprio crioulo haitiano, o culto e a alegria, o testemunho, urgência missionária e escatologia, bem como a questões que circundam as problemáticas sociais, psicológicas e pastorais, a figura e a participação da mulher nessas comunidades e a questão comunitária envolvendo ajuda mútua e familiar.

Concluimos que a relação entre imigrantes haitianos evangélicos em São Paulo com o pentecostalismo é expressiva, mesmo entre aqueles que não se reconhecem como sendo pentecostais, e que essa relação se torna ainda mais contundente no que diz respeito ao atendimento das necessidades básicas e emergenciais desses imigrantes.

REFERÊNCIAS

- Alencar, G. F. (2018). *Protestantismo Tupinanquim: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica a cultura brasileira*. São Paulo: Editora Recriar.
- Álvarez, C. E. (1996). Panorama Histórico dos pentecostais latino-americanos e caribenhos. In: Gutiérrez, B. F.; Campos, L. S. (Editores). *Na força do Espírito. Os pentecostais na América-Latina: um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: Associação Literária Pensão Real.
- Anderson, A. H. (2014). *An Introduction to Pentecostalism: Global Charismatic Christianity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Arns, P. E. (2010). Não basta acolher os refugiados, é preciso denunciar a violência. In: Barreto, L. P. T. F. (Orgs.). *Refúgio no Brasil: A proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas Américas*. Brasília: ACNUR, Ministério da Justiça.

- Baeninger, R. (2016). Migração transnacional: Elementos teóricos para o debate. In: Baeninger, R.; Peres, R.; Fernandes, D.; *Et al.* (Orgs.). *Imigração Haitiana no Brasil*. Jundiaí: Paco Editorial.
- Borba, J. H. O. M. de & Moreira, J. B. M. (2016). Integração local de haitianos em Santo André: interação entre poder público municipal e entidades religiosas. In: Baeninger, Rosana; Peres, Roberta; Fernandes, Durval; et al. (Orgs.). *Imigração haitiana no Brasil*. Jundiaí: Paco Editorial.
- Correa, M. (2018). *A operação do carisma e o exercício do poder. A lógica dos ministérios das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil*. São Paulo: Editora Recriar.
- Costa, G. A. (2016). Memória da chegada de imigrantes haitianos a Manaus, 2010 – 2014: presença da Pastoral do Migrante. *Cadernos de Migração*, (n. 8), São Paulo: Centro de Estudos Migratórios.
- Cotinguiba, G. C. (2014). *Imigração haitiana para o Brasil: a relação entre trabalho e processos migratórios*. Dissertação de Mestrado, História, Universidade Federal de Rondônia.
- Farah, P. D. (2017). Combates à xenofobia, ao racismo e à intolerância. *Revista USP*, 114: 11 – 30.
- IDMH – Instituto Migrações e Direitos Humanos (2014). *Glossário*. 31 jan. Disponível em: <https://www.migrante.org.br/imdh/glossario>. Acesso em: 10 dez. 2015.
- Farjado, M. P. (2016). O neopentecostalismo e as novas igrejas pentecostais. In: Abumanssur, E. S.; Barbosa, C. A.; Valério, S. P. (Orgs.). *Pentecostalismos no Brasil Contemporâneo: Novas Perspectivas*. São Paulo: Reflexão.
- Gutiérrez, B. F. (1996). Os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas. In: Gutiérrez, B. F.; Campos, L.S. (Editores). *Na força do Espírito. Os pentecostais na América-Latina: um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: Associação Literária Pensão Real.

- Hurbon, Laënc. *O deus da resistência negra: o vodu haitiano*. São Paulo: Paulinas.
- Magalhães, L. F. A. (2017). *A imigração haitiana em Santa Catarina: perfil sociodemográfico do fluxo, contradições da inserção laboral e dependências de remessas do Haiti*. Tese de doutorado, Demografia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.
- Marcelino, B.A.M. (2019). *A fé em um país distante: uma relação entre religião e imigração em um contexto que envolve haitianos adventistas*. São Paulo: Editora Recriar.
- Marcelino, B. A. M. (2021). *Comunidades evangélicas haitianas: um estudo etnográfico em Guaianases*, SP. Tese de doutorado, Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Marcelino, B. A. M. (2022). *Vivendo em Comunidade: haitianos evangélicos na periferia de São Paulo*, São Paulo: Recriar.
- Marino, A. M. & Rampazzo, L. (2016). A vinda de haitianos ao Brasil após o ano de 2010 e a problemática dos refugiados ambientais. In: Baggio, F.; Parise, P.; Sanchez, W. L. (Orgs.). *Mobilidade humana e identidades religiosas*. São Paulo: Paulus.
- Mariz, Cecília Loreto. (1996). Pentecostalismo e a luta contra a pobreza no Brasil. In: Gutiérrez, B. F.; Campos, L. S. (Editores). *Na força do Espírito. Os pentecostais na América-Latina: um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: Associação Literária Pensão Real.
- Nadège, Mézié. (2016). Emergência e ascensão dos protestantismos no Haiti: um panorama histórico. *Debates do NER*, 17 (29): 289-327
- Passos, J.D.(2018) Prefácio. In: Correa, M. *A operação do carisma e o exercício do poder. A lógica dos ministérios das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil*. São Paulo: Editora Recriar.
- Pereira, R. M. C. (2016). *Bondyebeniou: lugaridades com haitianos evangélicos*. Tese de Doutorado, Geografia, Universidade Federal do Paraná.

- Reynolds, J. (2017). Migração Forçada. In. Cavalcanti, L. *Et al.* (Org.). *Dicionário Crítico de migrações internacionais*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Rivera, D. P. B. (2017). Religião, migração e periferia urbana na América Latina. In: Moreira, A. S. (Org.). *Religião, migração e mobilidade humana*. Goiânia: Editora da PUC-Goiás.
- Sepúlveda, Juan. (1996). Características Teológicas de un Pentecostalismo Autóctono: El caso Chileno. In. Gutiérrez, B. F.; Campos, L. S. (Editores). *Na força do Espírito. Os pentecostais na América- Latina: um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: Associação Literária Pensão Real.
- Silva, S. A. (2016). A imigração haitiana e os paradoxos do visto humanitário. In: Baeninger, R.; Peres, R.; Fernandes, D.; *et al.* (Orgs.). *Imigração haitiana no Brasil*. Jundiá: Paco Editorial.
- Tenório, Waldeci. (1987). Ao leitor brasileiro. In. Hurbon, Laënc. *O deus da resistência negra: o vodu haitiano*. São Paulo: Paulinas.
- U.S. Department of stat: *Diplomacy in action* (2017). Disponível em: <https://www.state.gov/j/drl/rls/irf/religiousfreedom/index.htm#wrapper>. Acesso em 09/10/2017.